

SENTIDOS DA ESCOLARIZAÇÃO NA VISÃO DE EGRESSOS DO PROEJA

Maria Margarida MACHADO I mmm2404@gmail.com

FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFG

Ariadiny Cândido MORAIS I ariadinycandido@gmail.com

FACULDADE DE EDUCAÇÃO /UFG

RESUMO

Esta comunicação visa socializar resultados de pesquisas realizadas desde 2007, no âmbito do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja). Insere-se metodologicamente como Estudo de Caso realizado sobre a implantação do Proeja no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), utilizando instrumentos de questionário e entrevista com 18 egressos do Proeja que indicaram o sentido atribuído ao curso concluído e sua relação com as mudanças e permanências nas condições de vida destes sujeitos. As reflexões problematizam o curso e a instituição ofertante, apontando desafios aos atuais e futuros educandos de Proeja. Os entrevistados revelam a importância do retorno a escolarização e indicam que o Proeja foi uma oportunidade de retomada de diferentes objetivos e de descobertas na vida destes jovens e adultos: concluir a escolarização básica; preparar-se para o trabalho; recuperar a autoestima; mobilizar-se para a continuidade de estudos em nível superior; descobrir que se aprende por toda a vida; fazer parte de um movimento pela defesa do direito a educação de todos. Revelam também a dura passagem pela instituição formadora, onde viveram um misto de rejeição e acolhida, destacando o papel fundamental de alguns educadores que foram importantes para a continuidade do Proeja, sob um cenário de muitas resistências ao programa. A retomada do percurso destes educandos no Proeja e o significado que atribuem à formação que receberam no IFG, também apontam reflexões para repensar das políticas públicas de educação para os trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens e adultos trabalhadores, sentidos da escolarização, egressos do Proeja.



INTRODUÇÃOⁱ

O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja, foi instituído pelo Ministério da Educação (MEC), desde 2005ⁱⁱ, para execução obrigatória das instituições da rede federal de educação profissional e tecnológica. Esta pesquisa acompanhou a implantação e implementação do Proeja no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) - Campus Goiâniaⁱⁱⁱ, buscando identificar os sentidos indicados pelos egressos da primeira e segunda turma de Proeja à escolarização obtida.

O Proeja visa uma educação que integre a Educação Básica e a Educação Profissional (EP) de modo a proporcionar a produção de conhecimento que envolve trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral.

[...] uma proposta constituída na confluência de ações complexas. Desafios políticos e pedagógicos estão postos e o sucesso dos arranjos possíveis só materializar-se-á e alcançará legitimidade a partir da franca participação social e envolvimento das diferentes esferas e níveis de governo em um projeto que busque não apenas a inclusão nessa sociedade desigual, mas a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade política, econômica e social; em um projeto de nação que vise uma escola vinculada ao mundo do trabalho numa perspectiva radicalmente democrática e de justiça social (Brasil, 2007: 8)

Para nortear a oferta do Proeja no IFG foi necessária a elaboração de um Plano de Curso detalhando concepções e princípios, pois a oferta de uma educação integrada mostrava-se um grande desafio para a instituição que até o momento ofertava apenas formação técnica profissional. A entrada dos educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que possui um perfil diferente dos educandos atendidos na instituição, até o momento, mostrou-se outro desafio, pois estes são oriundos da falta de escolas adequadas as suas necessidades e realidades ou da ineficácia no processo formativo ofertado.

O Plano de Curso teve como um de seus princípios a ampliação do direito à educação. Esse princípio gerou no Instituto a necessidade de repensar sua lógica de acesso e permanência, as metodologias e avaliações no curso destinado aos educandos da EJA. De certo modo, a obrigatoriedade da oferta do Programa imposta pelo Decreto 5.840/2006, desequilibrou a lógica dos Institutos, segundo Machado e Oliveira (2010):

Os dois subcampos da educação, EJA e EP, além das disputas naturais que são inerentes à sua constituição histórica, terão que superar as tensões e conflitos decorrentes dessa intersecção formativa, o que deve resultar em projeto político-pedagógico integrador e em práticas educativas que possam superar diferentes formas de preconceito. Essa fase inicial do processo de integração desses dois subcampos indica a necessidade de acompanhamento, de análise, de formação e de diálogo permanente entre os agentes que atuam na gestão e nas instituições formativas desses dois subcampos [...] (Machado & Oliveira, 2010: 13-14).

No documento elaborado pelo corpo de gestores e docentes do IFG, para direcionar e nortear



o curso Técnico em Serviço de Alimentação - Proeja as dificuldades são explicitadas, podemos observar por meio do trecho abaixo:

[...] trabalhar com o público jovem e adulto estabeleceu a necessidade de compreender as suas especificidades culturais e de formas próprias de aprendizagem uma vez que se trata de um grupo de educandos que não faz parte das estruturas, pelo menos de maneira hegemônica, das instituições federais de ensino profissionalizante (IFG, 2009: 10).

Ainda no Plano de Curso, a concepção de EJA é trabalhada, reconhecendo a condição do educando de excluído socialmente, como uma modalidade de educação e como um direito, não como uma educação supletiva e compensatória aligeirada. Segundo o outro Plano de Curso do Técnico em Cozinha (2010)^{iv}, a EJA representa a possibilidade de uma formação diferenciada.

Nesse sentido, **reparadora** de um direito negado e um reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano, **equalizadora**, pois deve ampliar-se para trabalhadores e a outros segmentos sociais, como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. **Qualificadora**, dado o entendimento de que a educação é permanente, pois o ser humano é incompleto, busca e deve buscar uma formação, fora e dentro da escola, durante toda a vida e propiciar a descoberta e redescoberta de novos campos de atuação e realização pessoal (IFG, 2010: 14).

Observamos, portanto em nossa pesquisa que a implantação do Proeja representou um rompimento com toda lógica e organização do IFG e seus docentes, uma vez que como vimos esta instituição assim como as demais instituições federais brasileiras, não atendia a classe trabalhadora em especial a modalidade de EJA. Contudo nota-se que a partir da primeira turma de Proeja expandiu-se o atendimento a essa modalidade que se encontra em processo de ampliação dos cursos ofertados de Proeja, uma vez que a partir do ano de 2013 dois novos cursos foram implantados: Informática e Transporte Rodoviário, que serão objeto de outras pesquisas.

1. TRABALHADORES NUMA INSTITUIÇÃO DE EXCELÊNCIA – UM SONHO QUASE IMPOSSÍVEL

Vejo o Proeja como um privilégio, porque hoje nós damos conta de debatermos, de estarmos aqui dentro deste auditório e saber reivindicar nossos direitos dentro do Proeja [...], eu passava por esta Instituição e falava: “será que um dia vou estar aqui”, e hoje eu estou aqui nesta Instituição com muitos horizontes, e poder dar continuidade ao meu processo, prestar vestibular[...] (Educanda - IFG, 2010).

Os sujeitos da EJA geralmente são trabalhadores que não tiveram acesso, no tempo “determinado” legal, para sua escolarização básica. São sujeitos que residiram em locais afastados e de difícil acesso às escolas; sujeitos que necessitaram trabalhar desde criança para garantir a sobrevivência; há os que abandonaram a escola, desmotivados pelo modelo de educação brasileiro, ou aqueles que por reiteradas reprovações se veem a EJA. No caso das mulheres, há ainda aquelas que se casam precocemente e/ou engravidam e em função da



família, deixam os estudos para um segundo plano. Ao voltarem ou permanecerem na escola todos esses sujeitos buscam uma nova chance na sociedade e em especial no mercado de trabalho.

Achei interessante ver vocês falarem que o sujeito da EJA é negro, pobre..., vocês podem estar falando de mim! Entrar nesta instituição foi encarar os jovens que olham para a gente e fala, no corredor, “lá vai o velho da EJA”; é encarar os professores; é todos os dias ter que pegar duas condução, é chegar em casa meia noite e correr o risco de ser assaltada como aconteceu com algumas colegas minhas durante este período; é não jantar; é assistir aula com sede muitas vezes; é deixar os filhos sozinhos como tem muitas amigas minhas que deixam, para poder vim estudar (Educanda - IFG, 2010).

No Proeja com os Cursos Técnicos em Alimentação e Técnico em Cozinha as características dos educandos não sofrem alterações significativas com relação aos demais educandos da EJA. A pesquisa, por ter sido realizada com educandos daquele curso em específico, identificou uma presença majoritária de mulheres (81,2%), sendo estas em sua maioria mães. Com relação a faixa etária, a maior parte dos educandos tem entre 40 e 60 anos, o que aponta para uma turma de adultos com poucos jovens. Grande parte dos educandos são trabalhadores e trabalhadoras (formais e informais), de baixa renda e usuários do transporte coletivo público, o que muitas vezes inviabiliza a chegada para aula pontualmente.

Estes aspectos e características referentes aos educandos do Proeja exigiram, portanto, uma reorganização e reorientação de toda a instituição, para que a formação ofertada aos educandos do Proeja se tornasse acessível, adequada e significativa aos trabalhadores, deixando de ser vista como um privilégio de poucos e passando a ser uma possibilidade e um direito não só de adolescentes de classe média/alta em tempo escolar regular.

2. A ESCOLA PENSADA PARA E COM OS TRABALHADORES

Nos IFs, tradicionalmente, os processos seletivos representavam esta exclusão da classe trabalhadora e em especial dos educandos da EJA. Segundo dados dos anos de 2011 e 2013, disponibilizados pelo IFG, a concorrência dos candidatos por vaga pode chegar a mais de 15 candidatos, dependendo do curso técnico almejado. Para os outros cursos nos demais *campi* do IFs pelo interior do Estado de Goiás, em alguns casos, a concorrência é de mais de 30 candidatos por vaga, desta forma, apenas os candidatos “melhor preparados” para o processo seletivo conseguem adentrar nos Institutos Federais. O processo seletivo para o Proeja foi pensado e articulado de um modo diferenciado que contrapõe está lógica, em etapas dialogadas e subjetivas.

A permanência dos educandos também é defendida no Proeja visando a conclusão do curso. Para tanto, são adotadas medidas que os apoiam, dentre elas a destinação de uma ajuda de custo que contribui com o deslocamento dos educandos para o IFG, pois a grande maioria deles são trabalhadores, dependentes de transporte coletivo. Quando, por algum motivo, o pagamento deste auxílio atrasa, uma das gestoras relatou que os educandos procuram-na desesperados, haja vista que sem a verba muitos não têm a possibilidade de continuar frequentando as aulas.



Para além da condição financeira, a condição de trabalhadores dificulta e obstaculiza a conclusão do curso, exigindo deles a superação do cansaço diário de seus empregos, a adequação da lógica escolar que em muitos momentos não compreende as especificidades do educando da EJA. A forma de trabalhar e formá-los exigiu um repensar sobre suas práticas para proporcionar um processo formativo com o menor número possível de evasões. No relato da educadora abaixo os vários conflitos vivenciados ficam evidentes:

A questão da formação integral ressurge no Proeja de forma muito acentuada, e resgata o espaço de discussão de público, de educação profissional, de formação ampla [...]. Tem que se levar em conta que qualquer educação é para adentrar no mercado de trabalho, mesmo para os filhos da burguesia. A Questão é que nós somos um país de excluído e não temos o direito de nos isentarmos, de tentar fazer propostas serias de mudança.

O que, que acontece com o Proeja? O Proeja resgata uma discussão que estes Institutos e todos os outros têm que resgatar. É claro que existem professores com uma visão ampla de historicidade, de conjuntura, de formação sociológica[...] Porém, em sua grande parte as instituições carregam uma formação técnica e pragmática, de subserviência do trabalhador as leis de mercado. E tem como mudar esse quadro sem uma formação ampla em outros moldes? Não tem!

Por que estamos em um Instituto como esse (grande) e tão pouco envolvimento? Por que estamos nesta situação? Porque a maioria dos meus pares tiveram uma excelente formação técnica, mais ou se apartaram ou não receberam na sua própria formação condições objetivas de pensar a educação no que ela tem de mais caro, que é construir a emancipação do homem e da sociedade (Educadora 1 - IFG, 2010).

Esta pesquisa acompanhou as dificuldades dos educadores em dar conta desta realidade, mas também, olhou para as perspectivas, motivações e desafios dos educandos perante o curso. Com a sistematização dos dados obtidos por meio de questionários respondidos pelos educandos do Proeja foi possível observar essas expectativas.

Para os educandos o sentido do curso apresenta-se majoritariamente voltado para a formação profissional (28%), objetivando inserir-se ao mercado de trabalho ou se manter crescendo nele; o almejo pela formação do ensino médio em uma instituição de qualidade também se apresenta como fundante em sua escolha pelo curso entre os 28% dos respondentes. Estas expectativas também desafiam os educadores em seu trabalho, uma vez que a formação deve passar não só este estímulo inicial, mas também o sentido mais amplo de trabalho e da formação, devendo ressignificar o curso, a fim de não ser apenas mais uma formação de mão de obra trabalhadora técnica.

Percebe-se que, no processo formativo, existem questões que influenciam e geram dificuldades no ensino. Dentre as dificuldades apresentadas pelos educandos que estavam cursando o Proeja há uma predominância (75%) entre as que advêm das particularidades dos educandos da EJA, como cansaço; dificuldade de aprendizado, assiduidade e pontualidade; evasão, dentre outras, o que reflete o fato de que há entre estes sujeitos uma culpabilização deles mesmos pelo insucesso escolar. Na percepção de 25% dos discentes houve dificuldades referentes a implantação do Proeja no IFG relacionadas as condições de trabalho como: falta de material, estágio e aulas práticas; pouca comunicação entre os educadores; resistências aos



educandos. Esta outra visão sobre causas que não estão vinculadas diretamente às condições dos educandos, mas associam a questões mais estruturais dos cursos e ao trabalho direto dos educadores começam a indicar uma maior maturidade dos educandos para a compreensão das causas dessas dificuldades.

As dificuldades constatadas não impedem, todavia, os egressos de ressaltarem, quando algumas delas são superadas, como no que se refere a relação entre educadores e educandos, pode ser constatado no depoimento abaixo.

Eu morria de medo da professora de português, do professor 2 que era de matemática [...] a gente morria de medo, porque não sabia falar nada e não sei, mas a gente tinha medo da cobrança e o ensino antigamente era muito cobrado. Por não ter tido oportunidade de ter ido numa sala de aula e vir com todos estes dogmas de que na sala era isto ou aquilo. Eu conhecia só este lado e não o lado mesmo de um professor humano que está ali preocupado com a gente (Egressa 1 - IFG, 2010).

Nos questionários dos egressos, observa-se que a maturidade para avaliar as dificuldades e os desafios mais estruturais, sobem para 66%, quando as indicações de limites estão relacionados a estrutura física, falta de aulas práticas, questões curriculares e disciplinares, falta de reconhecimento do Proeja no interior do IFG. Ainda aparecem as questões relacionadas ao que é chamado pelos egressos como desafios pessoais, relações interpessoais e outras enfrentadas durante a formação.

As avaliações dos egressos do Proeja reafirmam as visões de educandos da EJA já explicitadas em outras pesquisas, mas nesta em específico indica que o processo de inclusão dos educandos foi também iniciado pela instituição, de modo geral, que exigiu dos educadores e demais estudantes um repensar de sua lógica. Neste processo, entre os egressos educandos do Proeja, aparecem nas entrevistas o interesse em contribuir, fazendo sugestões para os colegas que entraram no curso, para os educadores e para o curso como um todo.

Com a finalização do curso, todos os egressos demonstraram preocupação com a divulgação e a continuidade da oferta do curso de Proeja, uma vez que acreditam ter sido uma formação significativa, necessitando continuar e atender outros sujeitos. Para 72% dos educandos o fator mais relevante é a necessidade de aulas voltadas para a prática técnica, uma vez que esta questão foi muito aquém na primeira oferta do Proeja.

Para os colegas de curso que estão chegando, as sugestões são referentes a finalização e continuidade do curso. Destaque de 33% na indicação da importância do curso ser aproveitado ao máximo em aprendizado e nas relações interpessoais; 20% reafirmam a importância de não desistirem do curso e, outros 13% ressaltam a importância de dedicar-se ao curso. As outras 34% das sugestões tem relação com a indicação da necessidade de lutar pelo curso, buscar aperfeiçoamento, superar os obstáculos, dentre outras.

Eu tenho um recado para o pessoal que está começando: que faça mesmo este curso porque é muito bom. A gente quando chega numa certa idade pensa que não dá mais, não vou estudar mais, não é possível mais, eu não tenho mais nada para aprender; mas quando eu fiquei sabendo



deste curso eu resolvi vir, fiz minha inscrição e fiquei animada e fui até o final (Egressa 2 - IFG, 2010).

A minha fala vai ser mais um incentivo aos colegas que estão fazendo o curso profissionalizante para continuarem. Este curso é só mais uma passo, o técnico integrado é só um passo, a gente não pode acomodar porque o mercado de trabalho é cruel e se você não estiver qualificada entre aspas, porque mesmo você tendo qualificação vão encontrar uma ou outra barreira para você entrar no mercado de trabalho, mas sem qualificação fica muito mais difícil. Então meu recado é este: vamos estudar gente (Egressa 3 - IFG, 2010).

Para além da pesquisa de campo e a aplicação de questionários aos educandos, educadores e egressos, o IFG abriu o espaço para experiências de escuta dos sujeitos envolvidos no Proeja. Houve o momento de diálogo entre todos estes atores e o corpo gestor da instituição, bem como do Ministério da Educação (MEC) no encontro denominado “Diálogos Proeja”. A transcrição dos debates ocorridos na programação do II Diálogos Proeja são reveladoras das tensões entre os gestores, docentes e discentes do Proeja dentro do IFG (Goiânia-GO) e indica a tentativa da instituição de seguir repensando seu papel na formação dos trabalhadores.

3. O QUE DIZEM OS EGRESSOS DA EXPERIÊNCIA PROEJA

Não é novidade encontrar em educandos e ex-educandos de EJA a expressão de gratidão no retorno à escolarização, destacando o papel dos educadores e das instituições que os acolhem após um longo tempo fora da escola. Ainda muito ligados à concepção de que estão tendo um privilégio em estar numa instituição de excelência, que é como avaliam o IFG, as falas vão revelando compreensão, ainda tímida, da educação como um direito de todos, mas já indicam alguns sentidos próprios do retorno a escola que vão além da concepção imediata de preparação para o mercado de trabalho.

Os egressos assim se posicionam em relação a experiência do Proeja

Pra mim foi quebra de muralhas porque antes de começar o curso eu tinha uma visão totalmente diferente, a minha autoestima estava lá embaixo. Quando eu vim para a sala de aula, para poder chegar na sala, enfrentar professores, matérias, isto tudo foi muito difícil mesmo, mas no decorrer do curso eu fui percebendo que na sala de aula tinha muitas pessoas no mesmo patamar que eu e também percebi os professores nos apoiando (Egressa 1 - IFG, 2010).

Para mim foi muito bom mesmo, porque 30 anos sem estar sentar na cadeira de uma escola, voltar a atividade total de fazer uma tarefa, ler um livro, no início muito difícil, mas eu superei graças a Deus, claro, com a ajuda de todo mundo, dos professores, dos colegas[...] (Egressa 4 - IFG, 2010).

Quando se trata de avaliar o sentido em si da formação recebida, os depoimentos dos educandos e alunas do Proeja se distanciam em parte da visão imediata de fazer um curso apenas para atuar na profissão. Há falas que reforçam a importância do aprimoramento profissional, como nos depoimentos:

Na questão da área, pra mim foi muito bom, pois toda vida eu trabalhei fazendo jantares, almoço, essas coisas assim. E na hora de negociar, esta é uma área que não tem tanta valorização



como profissional, ainda. [...] Toda vez que eu ia negociar, as pessoas achavam caro diziam que iam pensar e ficava por isso mesmo. Agora não, eu dou o meu valor, se quiser me contratar bem, se não quiser eu não fico nem um pouco constrangida [...]. Quem já comeu do meu arroz aqui sabe! Entendeu como é? A gente aprende que tem que valorizar o nosso trabalho, se eu não valorizar quem vai valorizar? (Egressa 4 - IFG, 2010).

E em relação a área, o povo hoje já não está mais com aquela coisa de pensar que a pessoa de certa idade não entra mais no mercado de trabalho porque entra. Eu era de outra área bem diferente, eu mexia com costura, agora estou na área de alimentação e meu conselho é de que as pessoas vão em frente. Você ganha outro ânimo, você percebe que chega um certo momento na sua vida e a vida não acabou, não precisa ficar acomodada pensar que a vida acabou. Eu estou animada vou fazer o curso de gastronomia agora (Egressa 2 - IFG, 2010).

Além do destaque para o aprimoramento da sua profissão, as falas indicam um aspecto fundamental para os educandos da EJA que é o resgate da autoestima, o reconhecimento por eles mesmos dos valores que cada um possui e como estes valores podem ser evidenciados num processo de escolarização que toma isto por princípio, como se propõe o Proeja.

O curso pra mim veio como um presente porque quando eu chegava em qualquer local eu não sentava na primeira fila, eu sentava na última, com isto de participar dos fóruns e quando eu chegava que eu falava do Fórum era uma surpresa pra mim, eu me emocionei, era muito gratificante ouvir a minha voz e eu dizia poxa eu estou falando na frente de tanta gente aqui[...] Não estou trabalhando na área, mas esta recompensa pessoal de sentir valorizada, de me sentir uma mulher mais independente, estar com as pessoas hoje dizendo coisas que eu aprendi dentro do curso, isto foi uma abertura maravilhosa, um presente mesmo (Egressa 1 - IFG, 2010).

Outro destaque que aparece na fala do único homem entrevistado entre os egressos é a de aprender pelo prazer de aprender.

Foi uma experiência muito válida. Eu era único homem na turma, me senti privilegiado. É um *hobby* para mim a cozinha, adoro cozinha, comecei um curso de Gastronomia, mas não dei conta de terminar. Entrei neste curso de técnico integrado em alimentação e o que eu tenho para falar é que quem gosta acredita e persiste. É bom você fica qualificado e quando chega em alguma entrevista pode dizer eu fiz o técnico integrado e tenho um diploma, isso é bom (Egresso 1 - IFG, 2010).

Os egressos destacam que a experiência da formação integrada os preparou para outros desafios, inclusive alguns que não estavam no horizonte de muitos como a questão do acesso ao nível superior.

Pra mim foi um presente de Deus estar aqui nestes anos isto me incentivou. Foi o curso que me incentivou a estudar, também passei no vestibular, estou fazendo o Curso de Hotelaria, fiz vestibular na Católica e também passei graças aos estudos daqui. [...]. Eu não acreditei, quando olhei no site eu disse não acredito aí fui olhar meu CPF e disse sou eu mesma, chorei e falei para meio mundo. Foi muito bom, eu agradeço a oportunidade, foi um avanço na minha vida e vai ser melhor ainda (Egressa 5 - IFG, 2010).

Terminei o Serviço de Alimentação agora em junho, logo em seguida prestei o vestibular e passei no vestibular com uma nota muito boa. Eu me orgulho de falar que eu passei em 10º lugar no vestibular entre os concorrentes para o curso em Hotelaria, isto significa que eu deixei para trás 80 pessoas, pois foram 8 candidatas por vaga (Egressa 3 - IFG, 2010).



Além do reconhecimento do valor para a continuidade dos estudos, para os que atuam na área de alimentação e do prazer de aprender, percebe-se nas falas não necessariamente a limitação do trabalho exclusivo no campo de formação profissional do curso finalizado.

Quando eu comecei o curso técnico integrado pensei em fazer para ter mais uma profissão, porque eu já tenho profissão, sou cabeleireira e atuo até hoje nesta profissão. [...], apesar de ter gostado muito do curso, eu tenho uma carreira já muito extensa como cabeleireira, mas foi válido para mim, tanto na parte administrativa, que a gente teve uma matéria muito ampla nesta parte, como nas outras partes. Então o curso é muito válido[...] (Egressa 6 - IFG, 2010).

Para mim também foi muito valioso. Embora eu não esteja trabalhando na área, mas tudo o que aprendi com esta questão dos alimentos está me ajudando na profissão que estou agora. Eu sou agente comunitário de saúde, temos, que ir às casas, conversar, orientar adultos, as crianças, os idosos. Para mim está sendo o ideal, o curso, pois agora eu sei como chegar nas pessoas, sei orientar um idoso quanto a alimentação certa, a gente tem que indicar para eles para as crianças (Egressa 7 - IFG, 2010).

Um último aspecto que cabe destacar ainda é o papel das famílias no apoio a este retorno a escolarização. O exemplo abaixo é um dentre vários que foram colhidos entre os egressos e que revelam uma mudança inclusive na visão do direito de mulheres adultas, após criarem os filhos, ainda poderem considerar a volta a escola como possibilidade e como realidade concreta.

Meu filho é professor de matemática e ele dizia sempre assim: mãe vamos voltar para a sala de aula[...] aí quando teve este curso eu pensei é uma área que eu gosto, é o que eu quero fazer, então eu vou fazer. Outras oportunidades de voltar eu tive, mas só que não foi o que eu estava querendo, eu queria sim um curso que me realizasse e este curso me realizou. (Egressa 8 - IFG, 2010)

Os aspectos destacados até aqui indicam o valor que estes egressos atribuem à experiência do Proeja em suas vidas, seja no campo pessoal ou profissional. São depoimentos que informam os desafios enfrentados, as barreiras que precisaram ser transpostas, os limites e possibilidades institucionais para que o proclamado direito a educação fosse efetivado.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir das falas foi possível identificar a relevância deste curso, não apenas na formação profissional, mas também na formação básica e, principalmente, na formação para a vida destes sujeitos. Eles são a parte verdadeiramente importante desse processo, é para eles que existem as escolas, as secretarias, o MEC, são, portanto, para esses sujeitos que os educadores se formam e planejam suas aulas. Por isso, a escuta cada vez mais cuidadosa do que eles pensam sobre a sua formação é tão importante, para os educadores, gestores e em especial para os formuladores de políticas educacionais.

Manter cursos voltados para jovens e adultos trabalhadores, que recebam avaliações positivas



como estas, é um desafio que se coloca cotidianamente às redes públicas. As condições de oferta da EJA de fato precisam garantir um ambiente atrativo a um público que se encontra desmotivado e descrente com a escola que temos. A atração aqui se refere a algo que faça sentido, ou seja, recupere o significado da busca ao conhecimento sistematizado pela escola.

Foi ainda possível perceber que o trabalho/formação para com público da EJA é um constante desafio, para seus educadores e para a instituição na qual a formação é ofertada, bem como um contínuo processo reflexivo e avaliativo da prática docente o que gera desconfortos e desequilíbrios, mas também novos conhecimentos para os envolvidos. Com relação específica ao Proeja, as dificuldades e barreiras apresentaram-se de um modo diferenciado, na qual aparentemente demonstra-se mais complexa que na formação básica. Contudo a experiência mostrou-se extremamente positiva e significativa, tanto para os educandos quanto para os educadores, gestores e pesquisadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. (2005). *Decreto 5.478*, de 24 de junho de 2005. Brasília.

Brasil. (2006). *Decreto n.º 5.840*, de 13 de julho de 2006. Brasília.

Brasil. (2007). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. *Documento Base*. Brasília: MEC/ SETEC.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (2009). *Plano de Curso*. Técnico em Serviços de Alimentação, Integrado ao Ensino Médio, na Modalidade de Jovens e Adultos. Goiânia: IFG.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (2010). *Plano de Curso*. Técnico em Cozinha, Integrado ao Ensino Médio, na Modalidade de Jovens e Adultos. Goiânia: IFG.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (2013). *Centro de Seleção.1-4* Acessado em junho, 05 de 2013 em: <http://www.ifg.edu.br/selecao/vestibular>.

Machado, M. M. & Oliveira, J. F. de (2010). A educação de jovens e adultos integrada à educação profissional: embates, experiências e perspectivas de um campo em construção. In M. M. Machado, & J. F. de Oliveira (Orgs.). *A Formação Integrada do Trabalhador: desafios de um campo em construção* (7-19). São Paulo. Xamã.

ⁱ Apoio Financeiro – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).

ⁱⁱ O Proeja foi criado pelo Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005, em seguida substituído pelo Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006, que introduz novas diretrizes que ampliam a abrangência do primeiro com a inclusão da oferta de cursos PROEJA para o público do ensino fundamental da EJA.

ⁱⁱⁱ Com o curso Técnico Integrado em Serviços de Alimentação – Proeja, vigente de 2007 a 2009.

^{iv} Este Plano de Curso foi formulado no ano de 2010 para substituir o curso de Alimentação.